



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE BRAGANÇA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

MARIA ALDILEIA BORGES NASCIMENTO

**RELATO DE EXPERIÊNCIA DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO NA EJA: A
CARTOGRAFIA DE ALFABETIZAÇÃO ATRAVÉS DAS HISTÓRIAS DE
VIDA**

**BRAGANÇA/PA
2023**

MARIA ALDILEIA BORGES NASCIMENTO

**RELATO DE EXPERIÊNCIA DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO NA EJA: A
CARTOGRAFIA DE ALFABETIZAÇÃO ATRAVÉS DAS HISTÓRIAS DE
VIDA**

Creditação de Trabalho de Conclusão de Curso
(Instrução Normativa nº. 01/2023 -
PROEG/UFPA), apresentado à Universidade
Federal do Pará, como requisito para a obtenção
do Grau de Licenciada Plena em Pedagogia, sob a
orientação do Prof. Dr. Rogerio Andrade Maciel.

BRAGANÇA/PA
2023

INTRODUÇÃO

A proposta em tela relaciona-se a modalidade de relato de experiência de uma intervenção educacional na Educação Básica pela via do estágio curricular obrigatório, com base na flexibilização do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), Instrução Normativa IN/01/2023, Faculdade de Educação, Campus Universitário de Bragança.

O presente relato tem por objetivo apresentar a experiência de Estágio Supervisionado na Educação de Jovens e Adultos, vividas pela universitária Maria Aldileia Borges Nascimento, acadêmica do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Pará-UFPA, Campus Universitário de Bragança- PA, sob orientação dos professores: Dr. Rogério Andrade Maciel e Dra. Maria Natalina Mendes Freitas. A prática foi realizada na Escola Municipal Profª. Julia Quadros Peinado, no período de 21 de março a 26 e abril de 2022, a qual está situada à BR 308, bairro do Morro Nº 553, no município de Bragança-PA.

Nessa vivência de Estágio, pude ampliar minha visão sobre as teorias estudadas na universidade e as múltiplas realidades encontradas em sala de aula. Portanto, considero o estágio supervisionado um importante componente curricular do curso, sendo uma rica experiência, possibilitando aos alunos e alunas vivenciarem o chão da escola, a conhecer e se familiarizar com aspectos do ambiente escolar que só se aprende na prática, no ver e no experienciar, permitindo o futuro (a) professor (a) a construção de sua identidade profissional, bem como, a superar seus limites e os desafios presentes na profissão.

BALIZADORES TEÓRICOS

No Brasil, a modalidade da EJA teve que lutar por seu direito de ter uma educação que de fato levasse em consideração a qualidade de ensino como prioridade, propósito já previsto em leis educacionais. Segundo a Lei 9.394/1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB) em seu artigo 37, “A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos nos ensinos fundamental e médio na idade própria e constituirá instrumento para a educação e aprendizagem ao longo da vida”.

Portanto, esse é um direito assegurado, e que precisa de muitas outras ferramentas que garantam não só o acesso, mas a permanência desses alunos na escola, pois ainda temos hoje instituições de ensino que não estão preparadas para receber essa modalidade. Esse despreparo envolve o espaço físico da escola, o corpo docente, a

metodologia de ensino etc. Assim, tudo isso é um conjunto de fatores que precisam ser mais discutidos para que os direitos dos alunos da EJA sejam de fato garantidos.

A vida escolar dos alunos da modalidade de jovens e adultos tem vários obstáculos que cada dia eles estão tentando superar.

Como afirma Sousa (2020):

Voltar à escola ou procurá-la pela primeira vez, superando a dificuldade de sua jornada de trabalho, o cansaço, a falta de incentivo, buscar sua formação, enfim, são desafios dos alunos compartilhados com quem trabalha com jovens e adultos trabalhadores.

Ou seja, esses alunos já trazem consigo uma carga de desafios e, ao chegarem à escola, não encontram nada que condiz com sua realidade ou que desperte neles o interesse em continuar estudando. Desse modo, desafio se torna ainda maior.

Esses são fatores que contribuem para o grande número de evasão escolar na EJA. Durante o estágio, pode-se perceber o quanto é difícil para esses estudantes continuarem na escola, eles já chegam cansados na sala de aula e ainda têm que ficar sentados por algumas horas só copiando do quadro, e embora a professora diga que procura trazer para sala de aula atividades de acordo com a realidade dos alunos na prática é totalmente diferente.

Vale aqui ressaltar que eles não trazem só cansaço para a sala de aula, também trazem histórias de vida e superação que caracterizam a realidade de cada um e que deveria ser trabalhado em sala de aula, direito também garantido na LDB, art.37, inciso 1º:

Os sistemas de ensino assegurarão gratuitamente aos jovens e aos adultos, que não puderam efetuar os estudos na idade regular, oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características dos alunos, seus interesses, condições de vida e de trabalho, mediante cursos e exames”.

Logo, o currículo deve levar em consideração essas realidades existentes na EJA. As práticas pedagógicas voltadas para esse público que tanto almeja uma segunda oportunidade devem ser mais valorizadas, para que assim os alunos se vejam como sujeitos partícipes do sistema educacional de qualidade.

Desse modo, a aproximação do discente de pedagogia em formação com a modalidade da EJA proporciona ao licenciando vivenciar a primeira experiência de sala de aula através da observação e da prática e, assim, desenvolver habilidades e

adquirir conhecimento, relacionando a formação acadêmica com a realidade escolar e suas organizações, além de experimentar uma visão do espaço escolar, como as dificuldades, diversidades, participação, organização, entre outros. Dessa maneira, constrói-se uma intervenção social através da problematização encontrada após a observação no contexto escolar, e aplicá-lo de forma que os alunos interajam e mostrem suas competências e habilidades.

ALGUNS ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

Esse trabalho considerou a teoria estudada na academia e a prática vivenciada no estágio para planejamento das atividades realizadas em sala, além de entrar em concordância com a professora dos alunos da 1ª etapa para se realizar a elaboração do plano e colocá-lo em prática. Nesse sentido, o estudo se deu de forma qualitativa, conforme Minayo (2021), o qual afirma que nenhuma teoria, por mais bem elaborada que seja, dá conta de explicar todos os fenômenos e processos.

Com base nisso utilizou-se os seguintes documentos para a operacionalização no Estágio: diário de bordo para o registro de observação; ofícios para institucionalizar o estágio; termos de compromisso; lista de frequência e ficha de avaliação, esse último para observar pela docente em sala de aula, o desempenho da discente no cotidiano escolar, assim, conforme Godoy (1995), que diz para tanto, o pesquisador vai a campo buscando/I captar o fenômeno em estudo a partir da perspectiva das pessoas nela envolvidas, considerando todos os pontos de vista relevantes”. Ou seja, cada passo dado no processo do estágio foi fundamental para captar a essência dos sujeitos e destacar cada momento significativo vivido.

Os sujeitos de pesquisa foram: a direção, os alunos e a professora da 1ª etapa. Em relação aos alunos apenas 7 (sete) frequentavam as aulas, e todos eles participaram do estudo realizado. No entanto, neste trabalho apenas tem o relato de três alunos que permitiram colocar suas falas no texto, eles são identificados com E, A e F, para manter a privacidade dos três participantes da pesquisa.

Desse modo, observa-se que o investigador separa, recorta determinados aspectos significativos da realidade para trabalhá-lo, buscando interconexão sistemática entre eles” (MINAYO, 2021). Logo, podemos perceber que a teoria e a prática são de suma importância para o investigador reforçar seus argumentos. Assim, para complementar a aprendizagem dos alunos durante o estágio, a intervenção elaborada foi a realização de uma cartografia de alfabetização através das histórias de

vida dos alunos. Tal intervenção foi pensada como uma forma de compartilhar suas histórias, suas realidades e suas experiências de vida, além de considerar a aprendizagem através dessas cartografias. Durante o processo da atividade foram utilizados cartolinas, lápis de cor, caneta porosa, caneta piloto, borracha, lápis, régua e cartografia; materiais acessíveis e simples, mas que possibilitaram a criação de lindas cartografias e um grande ensino e aprendizagem para os alunos, para a professora e principalmente para a estagiária.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Primeiros passos da Observação do espaço escolar

Antes de começar o estágio, houve uma fala com a diretora sobre a atividade e sobre como a EJA funcionava na escola, seu PPP, entre outros assuntos relevantes para o estágio supervisionado. Durante essa conversa, comentou sobre a localização da escola que, segundo ela, a instituição fica localizada em uma “área vermelha”. Por isso, ocorre a liberação dos alunos antes do horário normal de saída, esse fato possibilitou compreender e já ficar entendido os motivos da liberação dos alunos mais cedo durante as aulas.



Foto: Google Maps (Escola Julia Quadros).

A escola Julia Quadros Peinado está situada na BR 308, nº 553, no Bairro do Morro, onde inicialmente atendia os bairros: Celpa, Alto Paraíso, Morro e Vila Nova. Anos depois, surgiram as ocupações Júlia Quadros, Marrocos e Persilândia, que também passaram a ser atendidas pela escola. Diante disso, o colégio contribuiu e continua contribuindo na educação dos moradores desses bairros.

Em relação à observação em sala durante o estágio, observou-se que as metodologias aplicadas pela professora ainda não contemplavam a realidade dos alunos que ali estavam; duas que me chamaram atenção foram as muitas colagens no caderno, impossibilitando aos alunos praticarem escrita, e a atividades passadas para eles sentarem no chão, sendo que a maioria dos alunos já tinham uma certa idade e não conseguiram sentar no chão com facilidade, e outros nem podiam.

Logo, a partir dessa análise feita na observação, surgiu a ideia de fazer uma cartografia com o tema “cartografia de alfabetização através das histórias de vida”, na qual os alunos poderiam experimentar uma metodologia diferente que os possibilitasse desenvolver suas habilidades na escrita, praticassem sua criatividade através do desenho e compartilhassem suas histórias, tudo isso de forma que todos pudessem participar e vivenciar aquela experiência, levando em consideração as possibilidades de cada um.

Para a cartografia social, a importância do mapeamento não está no desenho em si (formato), mas no significado (na subjetividade) do objeto representado, pois a sua representação é pautada num contexto relacional, ou seja, faz parte de um cotidiano interativo do sujeito que mapeia o seu próprio espaço vivido (LIMA; COSTA, 2012, p. 10).

Desse modo, a cartografia agrega no sentido de os alunos poderem mapear suas histórias, relembrar momentos que talvez tivessem sido esquecidos, momentos marcantes que talvez não tiveram a chance de expressar durante sua vida.

Vale ressaltar que a cartografia foi realizada baseada no que foi solicitado pelos professores do estágio. No entanto, a escolha do tema ficou na responsabilidade dos alunos, de acordo com a observação durante o estágio.

Atividades de intervenção na rotina escolar (ações desenvolvidas pelos estagiários)

Durante o estágio, a professora deu liberdade de ajudar os alunos nas atividades propostas por ela, e os alunos aceitaram sem nenhuma objeção, eles até gostaram de ter mais pessoas para dar suporte nas atividades. O mais interessante era eu ser chamada de professora, esse foi um fato marcante devido ser o primeiro estágio supervisionado e a primeira vez em sala sendo reconhecida como profissional.

Em uma atividade realizada durante a aula, os alunos tiveram que se sentar no chão para terem mais espaço na hora de realizá-la. Entretanto, para que eles ficassem

mais confortáveis, a professora colocou um tapete para os alunos, e espalhou sobre ele o alfabeto, com a finalidade de ser utilizado para formar palavras. No primeiro momento, houve um pouco de resistência por parte de alguns alunos, mas logo se direcionaram para executar a atividade. Uma aluna, no entanto, não pode realizar a atividade porque, segundo ela, tinha um problema no joelho e não podia se abaixar.

Eles começaram a formar palavras que conheciam. Foi percebido durante essa atividade a dificuldade de alguns para formar até sílabas, então foi necessário ajudar eles em determinados momentos. A aluna “A” ajudou bastante o aluno “B”, o qual estava com bastante dificuldade de realizar a tarefa. Por ela já ter conhecimento das sílabas, achamos interessante ela dar esse suporte a ele. A interferência ocorria apenas quando eles pediam ou quando achávamos necessário.

Vale ressaltar a importância de desenvolver metodologias diferenciadas, pois buscar métodos que fogem da rotina ajuda no processo de aprendizagem e logo desperta o interesse nas aulas. Porém, as metodologias devem condizer com a realidade e levar em consideração a idade e a questão de saúde, pois, como já foi dito acima, uma aluna não quis realizar a atividade por não conseguir ficar sentada no chão, e ficou apenas olhando os demais, excluída da atividade. Então, pensar essas questões é essencial.

Identidade dos sujeitos

Os alunos tinham muito em comum, por exemplo, todos quando crianças não tiveram oportunidade de estudar, pois tinham que trabalhar para ajudar suas famílias.

Alguns alunos já tinham estudado antes, porém desistiram porque tinham que trabalhar, outros nunca tinham ido em uma sala de aula antes. Nesse sentido, destaca-se aqui a fala de alguns deles:

Tenho 15 anos e nunca tinha ido em uma escola antes porque tinha que trabalhar para ajudar minha mãe. A agora que minha mãe já tem uma certa idade e fica mais tempo em casa, resolvi me matricular para estudar, mais eu ainda trabalho durante o dia vendendo bombom na feira. (Aluno E, 2022).

Questionado sobre como está sendo a experiência de ter que estudar aos 15 anos de idade, ele disse que está sendo muito bom porque ele vai aprender a ler e escrever e que não pretende parar de estudar. Nessa fala pode-se ver que mesmo nunca tendo pisado no chão de uma escola, esse aluno não desistiu do seu desejo de aprender

a ler e escrever, ainda que tenha iniciado com uma idade já avançada, mas como diz Colavitto e Arruda (2014), ler e escrever são processos de aprendizagem que acontecem ao longo de toda nossa vida, e sem uma idade certa para acontecerem. Após essa fala, seguiremos a leitura com a fala da aluna “A” que também vivenciou esse mesmo processo de estar em sala em busca de conhecimento depois de muito tempo longe da escola.

Tenho 56 anos, trabalho no lixão há 15 anos, estou estudando agora porque quando nova não tive tempo para estudar, por que tinha que trabalhar para ajudar minha mãe no sustento da família. A agora que comecei estudar não vou parar. (Aluna A, 2022)

Percebe-se que ambos tem muito em comum, a vontade de estudar, mas o trabalho ou as dificuldades da vida lhes fizeram adiar seus sonhos por muitos anos. Também as falas citadas são bem características da EJA, pessoas com mais ou menos idades que por alguma razão deixaram de estudar e agora voltaram ou vieram pela primeira vez para sala de aula.

São muitas histórias de superação, força e também de luta, personalidades que, apesar das dificuldades, estão fazendo o seu melhor para não desistir, pois a vontade de aprender é maior que os problemas enfrentados. Conforme Silva e Martins (2012), todo aluno tem direito a uma educação escolar que, pautada no princípio da igualdade, garante o conhecimento necessário para que desenvolva suas diferentes capacidades. Assim, pautada nesse princípio de igualdade, a luta pelo direito de uma educação de qualidade foi se consolidando cada vez mais, e baseado nisso os sujeitos da EJA garantem esse direito ao persistirem na continuação de sua alfabetização. Seguindo esse caminho observa-se a fala do aluno “F” que diz:

Tenho 42 anos sou do Maranhão, mas já moro em Bragança há muitos anos. Decidi estudar porque tenho um sonho de aprender a ler para ler a bíblia. Quando me chamam pra ir na frente, na igreja, não vou porque tenho vergonha de não saber ler, não saber ler é como se eu fosse cego, pois tinha que ficar perguntando para as pessoas o nome das coisas. Também tenho vontade de aprender a ler e escrever para mostrar para o meu pai que sou capaz, pois ele sempre disse pra mim que eu nunca ia ser ninguém na vida. Tenho muita vontade de estudar, mas tenho vergonha de estudar com essa idade. (Aluno F, 2022)

Logo, através dessa fala percebemos a importância da alfabetização aos sujeitos, não apenas para aprender ler e escrever, mas para dar oportunidade dos

indivíduos de recuperarem sua dignidade e se fazer entender que também são cidadãos de direitos. Assim, segundo Silva e Martins (2012), é importante trabalhar a alfabetização de adultos como fator de direitos e pela busca da dignidade e cidadania, cuja questão é colocada como ponto de partida para o resgate de dignidade, a defesa ética e a transformação do cidadão analfabeto para alfabetizado. Assim sendo, os alunos da EJA buscam na educação a afirmação desses direitos e não pretendem deixar a escola apesar das dificuldades.

A partir da observação, pode-se identificar as necessidades e dificuldade dos alunos da EJA para então iniciar o projeto de intervenção. Assim, durante esse período de observação, observou-se a vivência de aula e como se dá a relação professor e aluno na modalidade da EJA. Embora o período fosse curto, pude fazer observações pontuais do que é ser aluno da EJA, as dificuldades encontradas para o acesso à escola, devido à distância, o perigo devido à localidade, e às vezes a falta de merenda; até mesmo os problemas que os alunos têm em sua casa, como as dificuldades em conciliar trabalho, família e escola, entre outros fatores.

Há também mais um obstáculo que os sujeitos da EJA têm que vencer: o preconceito, pois julgamento surgem em virtude de a maioria ser de idade mais avançada e ainda estar se alfabetizando, mas o que não pode-se esquecer é que esses indivíduos que não tiveram oportunidade de estudar na idade certa não têm culpa; foram fatores sociais que os levaram a não gozar da educação no tempo certo. No entanto, vale ressaltar que a constituição de 1988 diz que “A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho” (Art. 205) É nesse sentido que professores, comunidade escolar e Estado têm que ter um olhar mais aberto e entender as necessidade dos estudantes e a sua realidade e, a partir desse processo, buscar metodologias que abracem sua individualidade e suas necessidades. A afetividade também faz parte dessa construção de conhecimento, pois esse sentimento tem a capacidade de envolver os alunos e fazer com que eles não desistam e mantenham o sonho de se alfabetizar.

Sendo assim, na busca de uma intervenção que pudesse abranger todos os alunos que ali estavam e sua realidade é que foi pensado a partir de uma cartografia, falar sobre as histórias de vida dos sujeitos da EJA. Como já foi dito nesse texto, a cartografia foi a proposta colocada para a realização da intervenção, porém os discentes

do curso de Pedagogia tiveram total liberdade para o desenvolvimento do tema que captaria a essência dos alunos.

Nesse sentido, cartografia de alfabetização através das histórias de vida realizada durante a intervenção foi um projeto memorável, pois permitiu conhecer mais um pouco a realidade dos alunos e também a eles conhecerem uns aos outros e a si mesmos, através de reflexões dessas realidades vividas por eles.

A CS no ensino pode ser compreendida como método (dialógico e participativo) e linguagem (envolve a oralidade, a textualidade e a representação espacial – croquis e mapas situacionais). Ela permite caminhos para a construção de diferentes conceitos com destaque para o objeto do ensino, o espaço geográfico, os conceitos operacionais de análise, tais como a paisagem, o lugar, e o território, etc. Os protagonistas são os sujeitos do conhecimento, crianças e jovens escolares que ao grafar suas trajetórias, histórias de vida, contextos sociais, compartilham experiências, ouvem, falam, expressam-se oralmente, em textos e imagens (GOMES, 2017. p. 7).

Assim, a construção da cartografia através de desenhos, de legendas e a socialização proporcionaram aos alunos da EJA se conectarem as suas histórias de vida, refletirem e pensarem em sua realidade. Desse modo, a cartografia como metodologia possibilitou diversas formas de aprendizagem, reconhecimento pessoal e social, além de ser um momento de partilha uns com os outros sobre suas realidades, lutas e desafios.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Depois de muitas lutas, leis e conquistas, a Educação de Jovens e Adultos vem avançando a largos passos, porém ainda há muito a se conquistar, pois muitas escolas ainda não têm espaço físico adequado para receberem esse público; a metodologia ainda não é planejada de acordo com a realidade dos alunos da EJA, muitos docentes que atuam nessa modalidade de ensino não possuem formação continuada, ou seja, o currículo das escolas muitas vezes não são pensados para o público da EJA. Por exemplo, no PPP da escola Júlia Quadros, a EJA é mencionada apenas uma vez, lembrando que essa é uma escola referência da EJA no município de Bragança.

O estágio me possibilitou ver essa realidade de perto, assim pude perceber o quanto esses fatores citados acima contribuem para o grande número de evasão escolar na EJA. Cada sujeito tem uma realidade diferente, mas todos já chegam na escola cansados da rotina diária e ainda têm que enfrentar o preconceito de estar estudando com a idade avançada. Por isso, muitos ficam com vergonha e acabam desistindo,

outros se matriculam mais não vão para escola. Nesse sentido a instituição de ensino precisa se adequar a essa modalidade de ensino, com metodologias que desperte o interesse desses sujeitos de estar em sala de aula, pois não basta estar na lei, é preciso que a escola e todo seu corpo docente estejam preparados para receber esse público.

Assim sendo, não basta garantir o acesso desses sujeitos à educação de jovens e adultos, é preciso também garantir a permanência deles na escola, e isso só será possível se a instituição mudar sua visão sobre a EJA, e se houver mais políticas públicas destinadas a formação de professores, e a estrutura física das escolas forem mais adequadas, pois na maioria das vezes há um certo descaso por parte do poder público, quanto a essa modalidade de ensino.

Quero ressaltar aqui que, embora a professora se empenhe em manter esses alunos na escola, essa tarefa é difícil. Percebo que falta o empenho de toda a instituição escolar, pois deveria ter mais projetos que envolvesse o público da EJA, metodologias que não deixassem os alunos muito tempo sentados apenas copiando do quadro, e, principalmente, o processo de ensino e aprendizagem partisse da realidade de cada sujeito. A EJA é uma oportunidade para essas pessoas que por algum motivo não puderam estudar na idade regular e agora procuram a escola para realizar seus sonhos de aprender a ler e escrever e também garantir o direito que lhes foi negado, deixando-os às margens da sociedade.

REFERÊNCIAS:

BRASIL. [constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília, DF: Presidente da República. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em 10 de Nov 2023.

COLAVITTO, Nathalia Bedran; ARRUDA, Aparecida Luvizotto Medina Martins. **Educação de Jovens e Adultos (eja): A Importância da Alfabetização**. Revista Eletrônica Saberes da Educação – Volume 5 – nº 1 – 2014.

Educação de jovens e adultos [recurso eletrônico]: linguagens, alfabetizações e afetos/ organização Marta de Lima de Sousa. -1. ed. – Rio de Janeiro: Letra Capital, 2020.

GODOY, Arilda Schmidt. Pesquisa qualitativa tipos fundamentais. Revista de Administração de Empresas São Paulo, v. 35, n. 3 p, 20-29 Mai./Jun. 1995.

GOMES, Marquiana de F. Vilas Boas. CARTOGRAFIA SOCIAL E GEOGRAFIA ESCOLAR: aproximações e possibilidades. Revista Brasileira de Educação em Geografia, Campinas, v. 7, n. 13, p. 97-110, jan./jun., 2017.

LDB – Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: MEC, 1996. BRASIL. disponível em: <http://www.planalto.gov.br>: acessado em: 01 de Nov. 2023.

LIMA, Marcos Vinícius da Costa; COSTA, Solange Maria Gayoso da. **Cartografia social das crianças e adolescentes ribeirinhas/quilombolas da Amazônia**. Revista Geografares, nº12, Julho, 2012. ISSN 2175 -370

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **CIÊNCIA, TÉCNICA E ARTE: O DESAFIO DA PESQUISA SOCIAL**. Ed. 18. Petrópolis: Vozes, 2021.

SILVA, Giseli Serrano da; MARTINS, Maria Sara Abdalla. **EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA): A LUTA PELO DESENVOLVIMENTO DA CIDADANIA**. Nucleus, v. 9, n.1, abr. 2012.